

SIMPÓSIO AT002

DIÁRIO — A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS DE AUTORIA NO TEXTO SUBJETIVO

SANTOS, Jozil dos
IFMS *campus* Naviraí
jozil.santos@ifms.edu.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a prática da produção escrita no gênero discursivo, página de diário. O gênero textual, diário, é deixado de lado tanto pela escola, quanto pelo falante de língua portuguesa, muitas vezes é visto como se fosse um texto sem utilidade alguma para o letramento do falante de língua portuguesa na escola. Contudo, a prática de textos subjetivos na escola deve ser incentivada da mesma forma que a produção de textos objetivos e acadêmicos é, de tal forma que o falante de língua portuguesa consiga perceber a diferença de ambos os estilos e a utilidade daqueles para a vida pessoal e desses para a acadêmica/profissional. É na escrita subjetiva do diário que o estudante pode realmente perceber-se como autor de suas ações no seu dia a dia, e assim analisar como os fatos se sucedem e clarear as ideias acerca de suas escolhas, ajudando-o muitas vezes a resolver problemas internos e pessoais. O trabalho foi desenvolvido em turmas dos Cursos Técnicos em Informática para Internet e Agricultura do Ensino Médio do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul *campus* Naviraí. A metodologia se deu da seguinte forma: 1. Explicação sobre as especificidades do gênero textual diário; 2. Leitura de trechos de obras no estilo diário como *Diário de Anne Frank* e *Diário de um Banana*; 3. Produção dos diários pessoais; 4. Análise das produções individuais dos estudantes sobre o diário pessoal. O aporte teórico deste trabalho contou com autores como Geraldí, 1997, 2012; Cagliari, 2005; Orlandi, 2007; Koche, Marinello e Boff, 2012; Possenti, 2002; Vygotsky 1991, 1993, 1995 e 2000; Kock 2002, 2003, 2009; Marcuschi, 2005.

Palavras-chave: Produção de textos, Linguística textual, Diário, Subjetividade, Autoria

Abstract: The goal of this work is to introduce the practice of writing in the discursive genre, daily's page. The textual genre, daily, it is set aside by both the school and by the speaker of the Portuguese language, it is often seen like a usefulness text to teach the speaker of the Portuguese language in the school. However, the practice of subjective texts in school should be encouraged in the same way that the production of objective and academics is, the such way that the Portuguese speaker can perceive the difference of both styles and the usefulness of those for theirs personal life, and of those for the academic/professional. It is in the subjective writing in the diary that the student can really perceive himself as the author of your actions in his daily life, and

thus analyze how the events succeed and clarify the ideals about his choices, helping him often to solve problems internal and personal. The work was developed in classes of Technical Courses in Computer science for Internet and Agriculture of the high School of the Instituto Federal de Mato Grosso do Sul campus Naviraí. The methodology was as follows: 1. Explanation of the specifics of the daily textual genre; 2. Reading excerpts from daily-style works such as Anne Frank's diary and a Banana's diary; 3. Production of personal diary; 4. Analysis of students' individual productions on personal diary. The theoretical contribution of this work counted on authors as Geraldí, 1997; Cagliari, 2005; Orlandi, 2007; Koche, Marinello e Boff, 2012; Possenti, 2002; Vygotsky 1991, 1993, 1995 e 2000; Kock 2002, 2003, 2009; Marcuschi, 2005.

Keywords: Text production, Textual linguistics, Journal, Subjectivity, Authorship

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo publicizar a importância do diário como produção textual nos Cursos Técnicos em Informática para Internet e Agricultura do Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul *campus* Naviraí.

1. Explicação sobre as especificidades do gênero textual diário

No ensino médio são previstas produções textuais acadêmicas como a dissertação-argumentativa, o resumo, a resenha, e outros gêneros que têm o objetivo da impessoalidade buscando apresentar uma linguagem objetiva, coesa e coerente para que os alunos possam ter habilidades para escreverem futuramente no ENEM e vestibulares e mais adiante no ensino superior.

A produção escrita subjetiva vai sendo deixada de lado pela escola com o passar do tempo, e vai dando-se mais ênfase para os textos mais objetivos, com isso percebe-se uma grande dificuldade dos estudantes quando lhes é colocada uma proposta de produção textual na qual é preciso utilizar a subjetividade como, por exemplo, o diário pessoal.

O gênero textual diário é um texto subjetivo, o qual apresenta rotinas, experiências, descrições, sentimentos, ideias, opiniões e outros gêneros/tipos textuais inseridos dentro do mesmo, aqueles que o autor traz para o próprio

diário como um trecho de música ou poema; ou ainda um trecho em língua estrangeira como por exemplo, o inglês tão usual dentre os jovens.

Em Kock (1997), defendi a posição de que o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, compreendendo processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. (KOCH, 2003, pg. 87).

Os gêneros textuais “são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, que se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2005, pg. 19).

O contexto [...] abrange [...] não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto cognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal [...]. (KOCH, 2002, pg.24)

Os diferentes gêneros textuais possibilitam ao falante interagir de formas variadas para obter-se o objetivo pretendido. O diário pessoal é uma forma de colocar as ideias em dia, mantendo-se uma progressão coerente de acordo com as reflexões do autor.

2. Leitura de trechos de obras no estilo diário como *Diário de Anne Frank* e *Diário de um Banana*

A cada ano novos estudantes (calouros) iniciam no 1º semestre do Ensino Médio Integrado no IFMS *campus* Naviraí, e dentro da disciplina de Língua Portuguesa é dada uma avaliação diagnóstica aos estudantes, na qual além de questões há também uma proposta de produção textual. Já foi utilizada a leitura de trechos do *Diário de Anne Frank* e também do *Diário de um banana* para que os alunos relembassem as características que fazem parte do gênero textual diário.

A leitura é uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem, finalmente, refletir sobre isso e

formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu [...].(CAGLIARI, 2005, pg. 150).

Deixando de lado as questões gramaticais no diário, os estudantes apresentam dificuldades, no sentido de soltarem-se para escrever de forma mais pessoal possível, muitas vezes deixando marcas no diário pessoal como se fosse uma agenda de compromissos, e sabe-se que o diário é muito mais do que isso.

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo: o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra (VYGOTSKY, 1993, pg. 131).

A escrita em um diário deve apresentar envolvimento, certo engajamento do autor com suas ações, reflexões, ideias, enfim, deve apresentar uma finalidade, que é a de dialogar com o papel de forma 'sigilosa e íntima', "[...] na maioria das vezes, vale-se de linguagem familiar, espontânea e com marcas da oralidade" (KÖCHE; MARINELLO; BOFF, 2012, pg. 27). A linguagem no diário é espontânea, é com isso que os estudantes devem se acostumar.

3. Produção dos diários pessoais

Após a primeira escrita na avaliação diagnóstica conforme a correção da professora, os estudantes dão início ao seu diário pessoal, onde demonstram certa inabilidade ao exporem suas ideias em relação ao seu dia a dia de forma simples, tranquila e cotidiana e a falta de identidade nas produções iniciais são marcantes, é como se fosse proibido colocar-se realmente como 'dono da história'.

Não se pode falar hoje de autoria sem remeter em primeiro lugar ao clássico de Foucault (1969) e sem considerar as observações que, a partir desse ponto de vista, desenvolve Chartier (1994) que, fundamentalmente, faz reparos aos dados históricos de Foucault. Este opera com duas noções de autor que são certamente relevantes para que se compreenda como certos textos são postos a circular e fazem sentido em

sociedades como a nossa. Em primeiro lugar, para Foucault, a noção de autor se constitui a partir de um correlato, a noção de obra'. Só temos um autor se temos uma obra que possa consistentemente ser associada a esse autor (POSSENTI, 2002, pg. 107).

O diário pessoal é um gênero textual que necessita ter identidade, pois tudo que se trata no diário é relacionado ao autor. Sobre a importância da autoria

[...] ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos, ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2007, pg. 49)

Ao longo desse processo, no tempo de cada autor, à sua maneira, vai constituindo-se como protagonista da sua produção e começa a ganhar identidade, mostrando não ter mais receio algum em explorar esse meio que é tão vasto. É a partir desse momento que o texto começa a ter a 'face do seu autor'.

Inspirado em Bakhtin, entende-se que o sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como 'produto sempre inacabado' deste mesmo processo no qual o sujeito internaliza a linguagem e constitui-se como ser social, pois a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e para os outros e com os outros que ela se constitui. Isto implica que não há um sujeito dado, pronto, que entra em interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas e nas falas dos outros (GERALDI, 1997, pg.19)

O diário pessoal apresenta-se de forma coerente, de acordo com as reflexões do autor as suas interações, o seu meio social, o que faz com que o diário sirva como um apoio ao cotidiano de quem o elabora. É um trabalho de análise constante sobre suas inquietações, inseguranças e até questionamentos.

4. Análise das produções individuais dos estudantes

A questão que mais importa no diário é que o aluno se desvincilhe de tudo que foi ‘imposto’ no sentido de escrita objetiva, até porque no diário pessoal, esse tipo de linguagem não é pertinente por realmente se tratar de uma escrita subjetiva.

Na escola, há uma tendência de ir se apropriando da linguagem objetiva e ir se distanciando da linguagem subjetiva. “A linguagem se intelectualiza, se une ao pensamento e o pensamento se verbaliza, se une à linguagem” (VYGOTSKY, 1995, pg.172). Isso necessariamente não precisa acontecer, o aluno deve compreender as diversas formas de compor os textos, entender a utilização de cada um com as especificidades que apresenta, e ainda saber valorizar cada gênero como forma de viver em sociedade.

[...] estudar a língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação (GERALDI, 2012, pg. 42).

A prática da escrita no diário pessoal faz com que os alunos aprendam a falar sobre suas vidas de forma natural, diferentemente do início do trabalho, onde alguns alunos faziam por fazer, escrevendo rotinas que não denotavam a identidade do autor.

Isto significa que com o auxílio deste método podemos medir não só o processo de desenvolvimento até o momento presente e os processos de maturação que já se produziram, mas também os processos que estão ocorrendo ainda, que só agora estão amadurecendo e desenvolvendo-se (VYGOTSKY, 1991, pg.44).

Os estudantes vão de forma interacional com outros estudantes se acercando das especificidades do gênero textual que é o diário, tornando-se mais conscientes na forma de proceder com o mesmo através da escrita.

[...] a tomada de consciência e a apreensão são essa base comum a todas as funções psíquicas superiores cujo desenvolvimento constitui a nova formação básica da idade escolar” (VYGOTSKY, 2000, pg. 326).

É dessa forma que o aluno desenvolve sua forma de escrever no diário, aos poucos vai se apropriando da forma de escrever. O contato com diversos gêneros textuais nas aulas das várias disciplinas do ensino médio também o ajudam na compreensão da diversidade de textos.

Isto é, o contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos, de toda a ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, manuais, etc., exercita a nossa **capacidade metatextual**, que vai nos orientar quando da construção e interpretação de textos (KOCH, 2009, pg. 55).

De todo modo, são necessárias práticas de leitura e produção textual variadas em sala de aula para que os estudantes possam chegar neste nível de capacidade que Koch retrata em sua obra.

Considerações finais

No início do trabalho com o diário pessoal nas turmas dos cursos técnicos integrados pareceu que não ia funcionar tão bem, houveram resistências, principalmente por parte do sexo masculino por alguns acreditarem que escrever num diário fosse 'coisa de menina'. Contudo, ao longo do processo, os alunos foram adaptando-se até pegarem o ritmo da escrita no diário e depois, no final do último semestre, alguns alunos ficaram até chateados por não terem que escrever mais no diário, já outros ainda continuaram o hábito da escrita no diário pessoal.

É importante ressaltar que os estudantes que não tinham o hábito de abrir-se com alguém ou refletir sobre suas questões mais internas, conseguiram perceber a importância da escrita pessoal como forma de gestar melhor suas ações cotidianas e compreender também que esse é um hábito que pode ser realizado em qualquer momento de suas vidas.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 10 ed. 12 imp. São Paulo: Scipione, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem – texto e linguagem**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012, p. 39-45.

KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. 6º ed. São Paulo: Cortez editora, 2002.

_____. **A possibilidade de intercâmbio entre Linguística Textual e o ensino de língua materna**. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos. v 5. n 2, 2003, p. 85-94.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria Benetti. **Estudos e produção de textos: gêneros textuais do relatar, narrar e descrever**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K. S. (Orgs.) Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006, p. 23-36.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2007.

POSSENTI, Sírio. **Indícios de autoria**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v20, n1, jan./jun. 2002, p.105-124.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA, A. R. et al. **Psicologia e pedagogia: Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. v.1. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991. p. 31-50.

_____, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____, L.S. **Obras Escogidas**, Vol. III. Madrid: Visor, 1995.

_____, L.S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jéferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.